

Pe. José Antonio Bertolin

JOSÉ,
EXEMPLO DE AMOR
E CRESCIMENTO

JOSÉ MARELLO
FUNDADOR DA CONGREGAÇÃO
DOS OBLATOS DE SÃO JOSÉ

2ª Edição

2000

COLÉGIO PE. JOÃO BAGOZZI

Rua João Bettega, 01 - Bairro Portão Curitiba Pr CEP 81070 000

Caixa Postal 8963 - CEP 80611 970 Curitiba Pr

Fone 0xx41-329 2144 Fax 0xx41-329 3389

HOME-PAGE: www.bagozzi.com.br

Email : peroberto@bagozzi.com.br

SUMÁRIO

Apresentação	
A família Marelllo	
Sua vocação	
Sua personalidade	
Um jovem escritor empenhado	
Marelllo sacerdote	
Desejo de ser contemplativo	
A congregação	
Preocupado com as vocações	
Marelllo, bispo de Acqui	
Seu estilo de vida	
Seu magistério	
Um homem inserido	
O característico de Marelllo	
Marelllo e Maria	
Dom Marelllo e São José	
Marelllo e a amizade	
Marelllo: um homem de fé	
Fidelidade ao projeto de Deus	
Marelllo e os jovens	
Marelllo: homem e santo	
Marelllo: um pobre pecador	
A morte de Marelllo	
Causa de sua beatificação	
Algumas datas mais sugestivas de sua vida	
Bibliografia	
Nossos centros vocacionais	
Oração pela canonização do Bem-aventurado José Marelllo	

Revisão do Texto: Pe. Ciríaco Bandinu O.S.J.
Prof. José A. Sensi
Prof. Marcelino Cotosky.

2ª Edição

2000

— Com Aprovação Eclesiástica —

APRESENTAÇÃO

Uma biografia, esta, sem presunções e pretensões, sem formas literárias e aparências elegantes. Assim, como a vida e o espírito do Bem-aventurado José Marelllo.

A importância destas páginas consiste mais em preencher uma grande lacuna, pois, os nossos amigos Josefinos-Marellianos, e são centenas, não tinham como conhecer melhor o Fundador da Congregação dos Oblatos de São José.

Conhecer um santo a mais pode ser muito importante: “*E como um átomo que integramos na massa*”.¹ “*Lê a vida dos santos — escrevia o jovem Marelllo. Faze a prova e ficarás convencido. Temos necessidade de nos elevar à altura dos grandes modelos, de levar a afinação do nosso diapasão moral, de nos arrancar, duma vez, aos nossos propósitos e renovação de propósitos*”.² “*Uma alma bela por exemplar, e para frente em suas pegadas, a todo custo*”.³

Os santos, de modo especial os santos fundadores, não morrem. Vivem em Deus, mas continuam vivendo também entre os homens, inseridos no mundo que deixaram.

José Marelllo é um desses santos: morreu há cento e cinco anos, e continua vivo. Continua tendo algo a dizer e a dar também aos homens do nosso tempo. O amigo dos pequenos e dos pobres, o mártir da caridade, o filho devoto da Igreja — **o Bem-aventurado José Marelllo** resplandece como estrela de primeira grandeza no firmamento da santidade.

¹ Angelo Rainero, Pensamentos e máximas de Dom José Marelllo, 10 de julho.

² Ibidem de julho

³ Ibidem, 29 de janeiro.

Não é fácil fazer a síntese de uma existência, como a de José Marelo, que operou eficazmente em vários setores da Igreja e da sociedade, determinando até uma transformação profunda no ambiente em que ele viveu.

O Padre Bertolin, tentou fazer esta síntese, a primeira síntese em língua portuguesa.

Se todo coração é um poema de amor inesgotável, o coração de José Marelo, inteiramente entregue à Igreja e aos irmãos, esconde muita riqueza que nós, Oblatos e amigos josefinos, devemos ainda descobrir. Esta biografia é como uma mina.

José Marelo deve tornar-se ponto de referência e caixa de ressonância no nosso cotidiano; deve ajudar a melhorar nosso relacionamento com Deus e com os homens; deve incentivar a assumir responsável e conscientemente nossa vocação cristã e religiosa.

Estas páginas podem servir muito bem para que este santo continue vivo através de nós, seus filhos e devotos.

Pe. Ciríaco Bandinu, O.S.J.

Curitiba, 30 de maio de 2000.
Aniversário de morte do Bem-aventurado José Marelo

A FAMÍLIA MARELLO

São Martinho Alfieri, um lugarejo trabalhador, na região norte da Itália, não muito distante da histórica cidade de Asti, foi o berço da família Marello.

Vicente Marello, pai de José, homem voltado para o comércio, transferira-se para Turim, grande centro que lhe oferecia maior possibilidade de desenvolver a sua atividade específica de comerciante. Foi justamente nesta cidade que ele melhorou seu padrão de vida.

Viúvo de sua primeira mulher, casou-se novamente com Ana Maria Viale e com ela teve, aos 26 de dezembro de 1844, o nosso José Marello. Seus pais, religiosos, ensinaram-lhe, não só os primeiros rudimentos das verdades cristãs, também lhe deram exemplos. Criancinha ainda, quiseram os desígnios de Deus que sua mãe, tão sábia, lhe fosse tirada, ficando ele órfão com seu irmão Vítório. O ocorrido foi um grande choque para José, que tinha apenas quatro anos de idade.

Com a morte da mãe, o pai, preocupado com a educação dos filhos, querendo romper o isolamento que o oprimia, pensou em voltar a morar novamente em São Martinho Alfieri, pois lá ainda estavam vivos os avós que poderiam fazer as vezes da mãe. Com isso, José, com oito anos de idade, é introduzido no ambiente “*astigiano*”, onde começou sua formação intelectual e moral, um elemento indispensável no seu trabalho para com as almas, onde desenvolverá grande parte de seu apostolado e sobretudo onde erigirá aquele estupendo monumento que é a

Congregação dos Oblatos de São José, destinada a fazer resplandecer a luz do evangelho em muitos lugares do mundo. E em São Martinho Alfieri que frequentará, com empenho e proveito, a escola e a Igreja; será em São Martinho Alfieri que a sua mente e seu espírito alcançarão a robustez e a coragem para lançar-se no futuro.

SUA VOCAÇÃO

Foi certamente aquela que ele adotara como mãe, a Virgem Maria, que sugeriu a seu pai para que o levasse consigo, nas férias de 1856, até a cidade de Savona. José tinha doze anos. E nesta idade que Deus fala mais facilmente ao coração das pessoas, porque ainda puro. Assim como a Virgem falara a Luiz Gonzaga, aos dez anos, a Bernadete em Lourdes, aos três pastorezinhos em Fátima, também falou a José Marelo diante do altar de Nossa Senhora da Misericórdia.

José nunca falou abertamente deste acontecimento, apenas limitou-se a dizer de uma certa “*inspiração*”. Diante, porém, de sua atitude e da impressão de seu pai que estava presente, podemos afirmar que foi naquele instante e naquele lugar que sentiu pela primeira vez o chamado de Deus. De volta para casa, enquanto estavam ainda no trem, José pede ao pai para entrar no seminário. O pai, naturalmente, estranhou o pedido, e nem mesmo aceitou. Só depois de muitas e longas insistências é que o pai consente que ele siga este caminho.

José entrou no seminário de Asti no outono de 1856. Esta nova realidade foi-lhe muito propícia, pois, até 1859, pôde crescer na ciência, na sabedoria e na santidade, tanto que tornou-se exemplo para todos os seus colegas.

Mas nas estradas dos santos não florescem apenas rosas; surgem também espinhos, e, às vezes, muitos. Devido às circunstâncias históricas, por causa da guerra entre o Reino Sar-

do-piemontes e a Áustria, e especialmente por uma forte mentalidade anticlerical, os seminários transformaram-se em hospitais e quartéis. Muitos seminaristas foram chamados ao serviço militar; outros, espalhados e fora do ambiente, continuaram, como podiam, os seus estudos.

José, neste período crítico, tinha dezoito anos. Seu pai ainda não estava resignado com a perda de seu filho para a área clerical e humanista, pois José tinha manifestado o tino para as atividades comerciais. Em meio a todo este contexto, José ficou na incerteza e na dúvida para prosseguir seus estudos no seminário. Afinal chegou a uma decisão: deixar o seminário de Asti e transferir-se para a cidade de Turim, onde prosseguiria seus estudos nos campos da agrimensura e da contabilidade.

Esta decisão, em seguida, ele a classificou como o “*salto do Rubicão*”, indicando precisamente a sua saída do seminário. Com isso ele queria dizer que não era algo circunstancial mas um passo meditado e ponderado.

Turim, sua nova morada, era o centro de iniciativas patrióticas, sociais e religiosas. Foi em Turim que aflorou o movimento industrial, social e também o liberalismo anticlerical, assim como a maçonaria e o socialismo ateu. Foi neste ambiente que José teve o impacto com as idéias do tempo, especialmente com o liberalismo e o socialismo. Tudo isso provocou um adormecimento em sua vida religiosa, reduzindo-a a uma situação de indiferentismo. Na Itália, ainda dividida em dezenas de pequenos estados independentes, desde o princípio do século XIX, eram de moda os ideais político-filosóficos de Gioberti, as grandes sínteses de Rosmini e as aspirações patrióticas de Manzoni e de Pellico. Porém, depois da primeira guerra da independência, todo este anseio começou a declinar, tornou-se,

inclusive, forte o combate ao domínio temporal dos papas. Neste contexto, a religião era o alvo principal para ser atacado. Os resultados foram a expulsão dos jesuítas em 1848, a supressão das corporações religiosas em 1855 e a ocupação dos seminários transformados, como já vimos, em quartéis e hospitais militares em 1859.

Naturalmente, a situação histórica e a mentalidade maçônica não deixaram de provocar em José Marelló uma grande inquietação, começou a sonhar, como ele mesmo escreverá, com “*um novo sistema de economia social*”, e por isso decidiu seguir a carreira política. Bem logo, porém, percebeu que o sistema de vida e de pensamento daquela sociedade estava baseado na incoerência e na falsidade. Sentiu-se como um “*peixe fora d’água*”. De fato, um professor seu, Bechis, constatando que a sua boa fé e o seu ardor missionário podiam ser desfrutados por muitos demagogos, alertou-o dizendo-lhe que não era feito para o mundo. José prosseguia, com dedicação e entusiasmo, em seus novos estudos, até que Deus colocou-o e numa dura prova. Em dezembro de 1863 caiu gravemente enfermo de febre tifóide que o levou quase à morte. Naquela doença, como ele mesmo depois afirmou em uma de suas cartas, ele sentiu que aquelas idéias desapareciam como neblina ao sol. E foi também neste momento crítico de sua vida que novamente Maria foi ao seu encontro, mostrando-lhe o caminho. Não sabemos nada de preciso do que aconteceu a este respeito, mas podemos tranquilamente suspeitar que entre os dois desenvolveu-se um diálogo muito íntimo, semelhante ao que tinha acontecido em Savona no Santuário da Misericórdia. Encontrou-se diante do dilema: ou seguir sua vocação, ou passar para a eternidade. E José decidiu-se prontamente em voltar a abraçar a vocação que deixara. Falou com pai num colóquio rápido, afirmando-lhe que Maria lhe prometera a cura se voltasse ao seminário. Seu pai, diante

de tal proposta, só pôde responde que “*se é assim, podes ir; contanto que tu fiques curado*”. Sarou completa e rapidamente. Por isso no mês de janeiro de 1864, ingressou novamente no seminário de Asti. Tinha, então, vinte anos. Assim, totalmente consciente de sua nova escolha recomeçou a percorrer o caminho para o serviço de Deus e do próximo sob a guia de Maria.

SUA PERSONALIDADE

Marello era uma pessoa muito inteligente, possuía uma grande capacidade de raciocínio, entendia de física, de matemática, de letras, sabia desenhar muito bem, (foi ele próprio quem desenhou o seu brasão de bispo). Dirigiu um jornalzinho. Fez por conta própria um mapa rodoviário da região de São Martinho Alfieri, o que mostra que o lugar originário de seus pais sempre lhe era benquisto. Tinha um caráter aberto e franco; não era tímido; era sincero, alegre e sereno. Gostava muito de falar, de comunicar. Graças a essas qualidades, tinha um grupo fiel de amigos com os quais sempre teve uma grande e profunda amizade. Era dotado de uma grande força de vontade, que o levava a trabalhar desde às cinco horas da manhã até altas horas da noite. Esses são alguns traços de sua personalidade capaz de atrair as pessoas e criar profundos laços de amizade.

UM JOVEM ESCRITOR EMPENHADO

Os escritos de quando ainda José era clérigo revelam dotes extraordinários para a composição, tanto que, conhecendo suas qualidades, sentimos muito por elas não terem sido particularmente cultivadas. Sua base cultural é vasta; conhece bem o pensamento de Dante, Fénelon, Chateaubriand, Lacordaire e Manzoni; demonstra também um bom conhecimento de autores de tendência laica, como Maquiavel e Mazzini. Seus raciocínios são precisos, a fluência de suas páginas passa espontaneamente de uma brilhante exposição narrativa, ou descritiva, para um humorismo inteligente, ou para um lirismo brilhante. Suas cartas deixam transparecer estas riquezas. A carta nº 5, escrita em agosto de 1866, revela um Marelllo com uma clara visão dos problemas religiosos, políticos e sociais. Neste escrito ele propunha um programa humanitário-católico em contraste com aquele histórico-social do seu tempo: *“Oh! sim, vocês ensinam e promovem a emancipação da mulher para depois cobri-la de vergonha com suas impudências. Ensinam a repartição das riquezas, o que para vocês, vem sempre significar novos ‘assaltos’ ao bolso do pobre. Proclamam o direito ao trabalho, à liberdade de produção, mas no entanto continuam a viver de expediente do suor dos outros e a tomar para si o esforço do trabalho do outro. . .”*⁴ Seus escritos, portanto, sobretudo os da juventude, além de mostrarem seus dotes literários, deixam claras também a consciência de sua vocação ao apostolado e da fidelidade ao mesmo.

⁴ Mario Pasetti, *Lettere del venerabile Giuseppe Marelllo*, carta nº 5

FOTO DO MARELLO ?

MARELLO SACERDOTE

Os anos de formação no seminário foram vividos intensamente e, por isso, em 1868, estava preparado para a grande decisão de sua vida: *o sacerdócio*⁵. Este foi, para José, um especial momento de aprofundamento espiritual. Sabemos que na vida espiritual há sempre possibilidade de subir, e Marello entendeu que isso era possível também para ele. Neste mesmo ano o bispo Dom Carlos Savio o escolheu como seu secretário, o que fez com que se empenhasse mais na assiduidade dos estudos eclesiásticos, desenvolvesse com prudência os afazeres quotidianos e fosse sempre educado e dócil. Na aspiração de uma vida voltada totalmente aos interesses do Pai, foi-lhe de grande exemplo este santo bispo. Pareceu-lhe que, para realizar tal ideal, era necessário abandonar o caminho do egoísmo e voltar-se mais ao silêncio da solidão e na penitência. Tal convicção era-lhe tão patente que não via outro caminho a não ser o caminho da trapa.

Marello, sacerdote e secretário de Dom Carlos Savio, participou do concílio Vaticano I, o que lhe favoreceu um enriquecimento de experiência eclesial e teológica. No pontificado de Pio IX, foi exprimindo-se nas três grandes proclamações: a da Imaculada Conceição, a da Infabilidade do Papa e a do Patrocínio de São José. Seu bispo o estimava muito e depositava nele grande confiança. Por isso o escolheu para ser também seu confessor.

⁵ A ordenação sacerdotal aconteceu aos 19 de setembro de 1868, pelas mãos de Dom Carlos Savio.

Desde o ano de 1881 até a sua eleição episcopal ele desempenhou com muita perícia e prudência o cargo de chanceler da cúria. Desempenhou também o cargo de diretor espiritual do seminário diocesano, onde, com suas instruções e sobretudo com o seu exemplo, contribuiu para despertar entre os jovens seminaristas um profundo espírito de piedade. Neste período profícuo de sua ação sacerdotal desempenhou também o cargo de canônico efetivo da catedral. Em 1887 tornou-se examinador prosinodal, onde mostrou sua vasta doutrina moral e teológica.

No ano de 1883 adquiriu na cidade de Asti, uma casa chamada até hoje Santa Clara para um asilo de caridade. E isto o levou a conviver livremente na família destes marginalizados.

Todos estes cargos, Marelló soube desempenhar com dignidade, calma e firmeza, obtendo a estima e o respeito de todos. Humilde e modesto, ele foi sempre prudente em julgar e em falar de seu próximo, apesar de seu constante contato com o clero e com toda classe de pessoas. Nunca foi visto irritado no trato, nem rude nas expressões, mas sempre bondoso e paciente. Suas atitudes demonstravam um homem de grande e profunda fé que manifestava de modo particular na oração e no comportamento edificantíssimo que assumia em todas as sagradas funções. Seu zelo pastoral se manifestava particularmente nas promoções de muitas piedosas devoções, especialmente na Igreja anexa à casa de Santa Clara. Em Asti introduziu a devoção à Maria Santíssima Rainha dos Corações, segundo o método de São Luiz Maria Grignon de Monfort. Atendia diariamente, de manhã e à tarde, às confissões, seja na catedral, seja no seminário, ou em qualquer outro instituto. Culto e inteligente como era, pregava bem, e era ouvido com gosto por muitos devido a sua eloquência rica de doutrina. Seu amor a Deus era diariamente traduzido no serviço prestado aos irmãos.

O DESEJO DE SER CONTEMPLATIVO

Foi em Roma, durante o Vaticano I, que deparou com luminosos exemplos de vida cristã, e constatando, ao mesmo tempo, a grande falta de sacerdote e de vocações. Foi aqui que o Pe. José teve uma pausa em seu anseio de levar uma vida heremítica e surgiu-lhe um projeto de serviço à Igreja local, algo que poderia ser bastante modesto, mas ao mesmo tempo realizável. A idéia parecia-lhe bastante condizente para a situação em que a Igreja se encontrava: uma espécie de uma esquadra volante, por assim dizer, uma obra de pronto socorro que poderia beneficiar os párocos nos seus afazeres pastorais, pois ele, na qualidade de secretário do bispo e de confessor de sacerdotes, muito bem conhecia as situações. Por isso pensava que com pessoas disponíveis seria possível fazer este trabalho de colaborador. Pensava consigo: *por que não esboçar com urgência um programa mínimo de ajuda para, aos poucos, ampliar seu raio de ação, adotando modos e meios producentes adequados às situações?* Afinal, a Igreja estava vivendo momentos cruciais e estava em jogo a sua existência; daí a necessidade de fazer alguma coisa contra-atacar os ataques dos adversários e sobretudo para formar bons cristãos. Só na cidade de Asti tinha se infiltrado quatro jornais que combatiam a religião. Tudo isso fez com que nascesse, no coração dele, a idéia de uma “**Companhia de São José**”, promotora dos interesses de Jesus, cuja sede deveria ser junto a uma obra chamada Pia Michelerio, e cujos membros poderiam ser todos aqueles que se declarassem dispostos a aceitar e a praticar a caridade como único vínculo, a simplicidade como expressão humilde e preciosa da fé e a obediência como a salvaguarda da unidade. O esboço, contendo

todas estas idéias, foi exposto com toda a humildade em uma carta datada do dia 25 de outubro de 1872 ao diretor do instituto “*Michelerio*”. Sua proposta, porém, teve uma fria e insignificante acolhida. Foi como se fosse um grande balde de água fria jogado sobre o seu entusiasmo; aqui Marelló sentiu toda a sua impotência e sentiu que o apostolado militante não era feito para ele. Neste clima de sofrimento reacendeu-se novamente em seu ânimo o desejo para a vida contemplativa e sentiu que o caminho da solidão e do silêncio era o melhor para chegar a ser um com o Senhor.

Marelló, que continuava trabalhando na cúria, não podendo continuar remordendo por dentro seu desejo de encerrar-se dentro de uma trapa, resolveu falar com seu bispo, Dom Carlos Savio. Disse-lhe que estava firmemente convicto de que devia retirar-se para a trapa, pois achava que após muito pensar e refletir era isso o que Deus queria. Mas, Dom Savio, homem inteligente e de uma dialética convincente, respondeu que o cristão não se dá por vencido diante de obstáculos, quando se tem Deus no coração. O bispo confessou-lhe da própria dificuldade de governar a diocese, que durante dez anos tinha ficado vacante. Falou-lhe também da grande dor que sentira ao ter que deixar a universidade de Turim, o encargo de revisor eclesiástico da arquidiocese, para vir até Asti, numa diocese então dilacerada por divisões e egoísmo.

Dom Savio deu-lhe bastante atenção, mostrando-se sempre propenso a indicar o caminho certo, afirmando-lhe que a trapa podia também existir fora do mosteiro, pois a sede privilegiada do silêncio é a alma e não um recinto fechado, porque o silêncio não é mutismo, vazio interior, nem incapacidade de comunicar, mas é um momento espiritual que se realiza quando se consegue distanciar-se do barulho e deixar espaço à palavra de Deus.

Padre José, após ouvir atentamente todas as colocações e conselhos de seu bispo ainda não ficou convencido e por isso mostrou a outra faceta de sua opção: a oração, que para ele era o ponto culminante do relacionamento entre Deus e o homem, uma expressão de confiança, de esperança e de abandono do homem nas mãos do Pai, uma humilde confissão da impotência e nulidade da criatura defronte à grandeza e potência divina, a linguagem do coração, realidade interior que nos coloca perto de Deus. Seu bispo fez-lhe ver desta vez que a oração não deve ser algo que leva o homem a afastar-se das coisas do mundo, nem um alibi para as nossas responsabilidades, mas sim uma redescoberta de nós mesmos através do Senhor. Dom Carlos Savio ainda afirmava-lhe: *“parece-me que Deus quer algo de ti aqui no mundo”*. Depois de todos estes contatos com o bispo, Padre José abandonou para sempre a idéia de segregar-se num mosteiro, mas nunca escondeu sua atração pela trapa, para uma vida voltada ao silêncio e a oração. Escrevera, certa vez ao amigo Delaude: *“No silêncio amoldam-se as grandes personalidades, como na humilde concha endurece a gota de orvalho que, transformada em pedra preciosa, ornará a testa das filhas do rei”*.⁶

Quanto à oração ele dizia:

“Rezai, rezai e rezai! Não sei dizer-vos outra coisa. pois o demônio nos tenta mais do que nunca e nos agride em toda parte. Não podemos vencê-lo, de maneira melhor”.⁷

*“Rezemos muito e de coração, rezemos mesmo sem sentir o gosto, rezemos também na aridez de espírito...”*⁸

⁶ Angelo Rainero, Pensamentos e máximas de Dom José Marelló, 5 de outubro.

⁷ 7 Ibid, 13 de abril.

⁸ 8 Ibid, 15 de abril

“Sirvamo-nos deste grande meio da oração recíproca! Entrelacemos as nossas orações e possa o anjo do perdão tomá-las em conta no tremendo dia da expiação”.⁹

“Rezemos! Hoje em dia, a oração tornou-se o maior e o mais potente apostolado”.¹⁰

Pelas convicções e atitudes a respeito da oração é que Marelo foi considerado tanto em Asti como em Acqui um homem de muita oração. Esta tornara-se para ele o respiro da alma, e era de tal modo parte integrante de sua vida que rezava continuamente quase sem esforço. Marelo de tal forma moldou sua vida que, em lugar da grande inclinação pela trapa, prevaleceu o espírito de obediência. Ele mesmo afirmava: *“Obedecer, obedecer sempre; não confiar, em causa própria no juízo pessoal; eis o segredo da vida cristã, o talismã da santidade”*.¹¹

Garrigou-Lagrange assim escreveu sobre Marelo: *“Quanto mais ele se retirava da ação exterior para ficar em recolhimento e em oração, tanto mais se dispunha a uma ação profunda e frutuosa. Tinha compreendido, pela própria experiência, que a oração é a alma do apostolado e que a pregação viva deve proceder de uma fé viva, penetrante e saborosa”*.

⁹ Ibid, 18 de abril

¹⁰ Angelo Rainero, Pensamentos e máximas de Dom José Marelo, 12 de abril.

¹¹ Ibid, 17 de julho.

A CONGREGAÇÃO

Já vimos que a tentativa do Pe. José, em 1872, de fundar uma companhia de leigos militantes no apostolado religioso em colaboração e em dependência da hierárquica, não tinha encontrado muita ressonância para ninguém. No entanto, tal projeto teve um significado histórico: foi um sinal concreto da vontade de Marelló em participar dos processos de transformações da sociedade de seu tempo.

Marelló vivia num tempo e num lugar onde sentia a urgente necessidade de fazer alguma coisa para a juventude arrastada para longe de Deus e desviada do caminho da fé. Além do mais, o número de sacerdotes era escasso, cada vez diminuindo mais. Por isso o objetivo de Marelló era afrontar a situação crítica da diocese de Asti, proporcionando meios que levassem para uma ajuda ao clero e para uma educação crista à juventude.

O período histórico, como falamos, estava carregado de liberalismo anticatólico e de fanatismo anticlerical acentuado. Movimentos racionalistas e positivistas impregnavam a cultura e o próprio marxismo estava criando inquietude e tensões entre a massa operária e trabalhadora. Também entre os leigos católicos havia, de um lado, os intransigentes, querendo defender todas as antigas posições da Igreja, e de outro lado os católicos liberais favoráveis à conciliação entre cristianismo e liberdade. Até dentro da Igreja havia divisões em seu clero e em sua hierarquia. As oitenta proposições do Síllabo, anexas em 1864 á encíclica “*Quanta Cura*”, foram tomadas de posições contra

todo tipo de liberalismo, de socialismo e de qualquer doutrina que limitava o conceito tradicional da Igreja. O Concílio Vaticano I, em 1870, orientou o espírito do Síllabo, na oposição e na luta contra todas as tentativas de abater as instituições religiosas, e ao mesmo tempo na instituição de várias organizações católicas, especialmente nas grandes cidades, para encarnar na sociedade a mensagem do evangelho.

Marello mostrou-se sensível a este despertar do mundo católico e particularmente às iniciativas cristãs - sociais da cidade de Turim; dentro deste clima, amadureceu o projeto de uma Companhia de São José, que devia reanimar o tépido ambiente astigiano. Além disso, um outro ponto que deve ter sido muito importante nesta decisão foi quando, em 1869, numa audiência privada com Pio IX, o Papa manifestou a sua intenção de que se fundassem institutos religiosos dedicados ao apostolado ativo.

Atraído pelo exemplo de São José, que havia cooperado no mistério da encarnação em silenciosa humildade, e que o Marello tinha como modelo de sua vida interior¹², e de seu ministério sacerdotal¹³, animado pelo Espírito Santo, quis transmitir aos outros um ideal de vida: imitando as virtudes deste santo, prestar uma colaboração à Igreja local. Por isso pensou numa associação intitulada ao grande Patriarca, onde seus membros pudessem recolher-se no estudo e na imitação de suas virtudes, e ao mesmo tempo pudessem chegar à perfeição evangélica tornando-se verdadeiros discípulos de Jesus Cristo¹⁴.

¹² “São José não desejava nada, não queria nada senão agradar a Deus; era por isso sempre imperturbável, mesmo nas adversidade. Contemplemos esse modelo e aprendamos a nos manter calmos e serenos em todas as circunstâncias da vida.”

¹³ “Tu, á José, que, depois da Bendita Virgem, apertaste primeiramente ao peito a Jesus Redentor, sé o nosso modelo em nosso ministério, que, como o teu, é mistério de relação íntima com o Verbo Divino”.

¹⁴ Mario Pasetti, *Lettere dei venerabile Giuseppe Marello*, carta nº76.

Assim, a 14 de março de 1878, nasceu a Congregação dos Oblatos de São José. Seus primeiros quatro membros faziam vida em comum, seguindo uma regra, que Pe. José assim havia esboçado: *“A quem deseja seguir de perto o Divino Mestre com a observância dos conselhos evangélicos a casa de São José está aberta, onde, retirando-se com o propósito de permanecer escondido e silenciosamente operoso na imitação daquele grande modelo de vida pobre e obscura. . .”*. Era esta a forma que se pedia e que a Providência se dignou abençoar enviando a Marelo muitos discípulos que desejavam seguir os preceitos evangélicos caminhando nas pegadas de São José.

Mais tarde ele ditava as regras da Congregação de São José. Ele insistia para que os candidatos assumissem São José como modelo e protetor especial. Dizia ele, que todos deviam consagrar-se inteiramente a Deus, observando os mandamentos e praticando os conselhos evangélicos, imitando a São José, que foi o *“primeiro a cuidar dos interesses de Jesus”*.

Pe. José, que nutria em seu coração tanta estima e devoção ao grande Patriarca, procurava comunicar tudo isso aos outros, especialmente através de cartas e pregações. No capítulo V de suas regras ele escrevia:

*“A vida de São José foi consumada no trabalho, nos exercícios de piedade, permeando na oração a vontade de querer consumir-se tanto no trabalho para manter o Menino Jesus e Maria. Tal deverá ser a vida dum Oblato de São José; um entrelaçamento de exercícios de piedade, de estudo, de trabalho...”*¹⁵.

¹⁵ Regras de Dom José Marelo.

“Irmãos, para as quartas-feiras recitemos as sete dores e sete alegrias de São José...”¹⁶.

“No fazer o culto a São José, devemos ser pontuais...”¹⁷

Ele dizia aos seus Oblatos: *“Filius accrescens Joseph, e os filhos de São José devem crescer também, pelo menos no culto do seu Santo Patrono”¹⁸*. Não há melhor modo de crescer no culto a São José, como também nas virtudes e perfeição próprias de um religioso, do que colocar-se na escola e sob a proteção e direção de São José; por isso Marelllo aconselhava: *“A São José peçamos que se torne nosso diretor espiritual”*.

Desde o primeiro dia de vida da Congregação sempre existiu o espírito de oração no sentido mais elevado e de atividade apostólica no sentido mais humilde, como o próprio Pe. João Cortona, primeiro sucessor de Marelllo, escreveu: *“Os ‘fradinhos’, assim eram chamados os primeiros jovens membros, devido aos seus uniformes com gravata branca e barrete, transcorriam seus dias junto à obra Pia Michelerio, com a participação na missa e comunhão de manhã, reza do ofício à Bem-aventurada Virgem, meditação e instrução feita por Marelllo sobre a vida e as virtudes de São José e lições de catecismo feitas pelo teólogo Garetti.*

Outra parte do tempo era dedicada para serviços humildes da casa; trabalhavam numa alfaiataria, confeccionavam rosários. . . O dia terminava com o grande silêncio, que ia desde a oração da noite até o café da manhã. Tudo aliás era feito num pequeno clima de silêncio, que consistia em falar só quando era necessário. Depois do primeiro ano, os ‘fradinhos’ vestiam o

¹⁶ Ibid.

¹⁷ Ibid

¹⁸ Angelo Rainero. Pensamentos e máximas de Dom José Marelllo, 18 de março.

hábito religioso, que se constituía numa batina preta e sem botões, numa faixa com duas extremidades voltadas para o lado esquerdo e o barrete, chapéu e sobretudo quando saiam para a assistência aos jovens operários”¹⁹. Eles, já no ano de 1883, davam catecismos nas paróquias e ajudavam como sacristãos. E assim cada vez mais a companhia ia progredindo com a entrada de novos irmãos. A Providência, após ter enviado Jorge Medico, envia, em 1883, João Batista Cortona que se tornou sacerdote; com ele iniciam-se os estudos eclesiásticos dentro da companhia e abre-se o campo para o apostolado sacerdotal. Marelló assim comentou esta virada: “*A Providência trocou-me as cartas na mão, como um prestidigitador*”. Com isso os caminhos da instituição se ampliam. Os “*fradinhos*” continuam sendo requisitados pelo clero local; basta lembrar aqui o teólogo Arpino, da Igreja de São Pedro e São Paulo em Asti, que pede a Marelló para mandar-lhe ao menos um a fim de ajudá-lo. No mesmo ano de 1883 vem a decisão de tornar-se estes “*fradinhos*” sacerdotes, e com isso aumenta mais o pedido para tê-los nas paróquias, como auxiliares nas pregações, nas confissões e nas instruções aos jovens. Neste mesmo ano Marelló compra uma grande casa chamada “*Santa Clara*”, que se tornou, um ano depois, a Casa Mãe da Congregação, onde Marelló passa a residir.

O Pe. José como fundador teve que conhecer muitas amarguras e contrariedades; nem sempre foi compreendido; lutou com inúmeras dificuldades, sempre com paciência, humildade e resignação, sobre a proteção de São José. O próprio bispo, Dom Ronco, sucessor de Dom Savio na diocese de Asti, diante do esboço de sua família Josefina apenas constituída,

¹⁹ Giovanni B. Cortona, *Brevie Memorie della vita di Mons. Giuseppe Marelló*, p. 25ss.

respondeu a Marelló, que lhe pedia as suas impressões, desta maneira: “*Eu não li, nem lerei e se quiser pode pegar e levar embora*”. Foi uma resposta dura, somada a tantos outros golpes que já tinha recebido. Foi porém a constante espiritualidade de Pe. José que levou depois este mesmo bispo a ter uma atitude de cordialidade, de amor e de proteção para com a família dos Josefinos.

FOTO CASA MÃE DA CONGREGAÇÃO ?

PREOCUPADO COM AS VOCAÇÕES

Uma das coisas que chama bastante a atenção na vida de José Marelo, especialmente ao lermos as suas cartas, é o seu interesse para com as vocações. Eis um pensamento seu onde expressa claramente esta preocupação: *“Eis-me ao ponto de fazer-te secretamente uma interrogação, a qual desejo que me respondas com a mesma confidência com que Deus te inspirar. Conheces porventura alguma destas almas, mesmo que seja de um rude camponês ou de um pobre operário, que se sinta inclinado a irmanar-se com os outros, para poder dizer com São Pedro ‘eis que nós deixamos tudo e te seguimos’? Se existe, rezemos ao Senhor que a confirme na vocação e a faça generosa a segui-la no momento oportuno”*.²⁰ Em uma outra carta, assim se expressava: *“Tenho aqui um bom rapaz que devido a pobreza da família teve que interromper os estudos. Agora está batendo às portas de um instituto genoves parecido com o nosso, onde espera de ser recebido mediante o pagamento de dez liras por mês. Se ele não conseguir, lhe proporei Santa Clara...”*²¹. Assim muitas outras suas cartas demonstravam o desejo de enviar jovens para Santa Clara.²² Também em outras não deixava de manifestar a sua grande alegria pelo desenvolvimento da congregação.²³

²⁰ Mario Pasetti, Lettere dei venerabile Giuseppe Marelo, carta nº 94.

²¹ Mario Pasetti, Lettere dei venerabili Giuseppe Marelo. carta nº 159.

²² Ibid, carta n.º 183, 196, 197 e 259

²³ Ibid, carta nº 206.

MARELLO, BISPO DE ACQUI

Com quarenta e quatro anos de idade e vinte de sacerdócio, José foi eleito bispo de Acqui. Em novembro de 1888, o Papa Leão XIII escolhe o padre que havia conhecido há vinte anos atrás, durante o Concílio Vaticano I, para a plenitude do sacerdócio. Este mesmo Papa o definirá, três anos depois, publicamente, diante dos peregrinos de Acqui, como sendo “*uma pérola de bispo*”. Marello recebeu a consagração episcopal em Roma aos 17 de fevereiro de 1889. Depois de sua consagração, ele deixa a casa em que vivia, Santa Clara, e faz seu primeiro contato como pastor com a diocese de Acqui. O dia 16 de junho foi histórico para a cidade de Acqui. Depois desta, a antiga cidade presenciou a duas outras jornadas Marellianas: uma em 1895, quando seu féretro retornou a Savona; outra em 1923, quando seus despojos mortais de Acqui foram trasladados para Asti, em Santa Clara, a Casa Mãe de sua Congregação. Era natural que o povo de Acqui ficasse marcado por estes acontecimentos, pois aquela gente simples, humilde, sentia em seu bispo o sorriso, a mansidão e a serenidade. Era um homem excepcional, cuja mansidão era fruto de um exercício constante de mortificação de sua própria índole ardente, sujeita a muitas tentações. Marello sentia isto, tanto é verdade que, 1875, escrevendo a Rossetti dizia: “*Nós temos três inimigos perpetuamente em guerra contra nós: o demônio, o mundo e a carne*”²⁴.

Na iminência de receber o novo bispo a cidade de Acqui ficou numa grande expectativa. Uma semana antes de seu ingresso na nova diocese, o jornal “Gazeta di Acqui” escrevia: “O

²⁴ Mario Pasetti, Lettere dei venerabile Giuseppe Marello, carta nº 88.

Bispo Marelo vem a nós com fama de pessoa não só douta, estudiosa, afável, cortês e de caráter enérgico e independente, mas também com o que mais o torna honrado, a fama de pessoa caridosa, excelente e de grande oratória”.

O toque decisivo de espera do novo bispo foi marcado pela carta pastoral da paz que Dom José Marelo enviou quinze dias antes de sua entrada oficial. Em seu breve e intenso governo episcopal não houve um dia que não se comportasse como um verdadeiro operador da paz. Na diocese de Acqui soprava um ventinho de discórdia. Monsenhor Pagella, homem inteligente e esperto vigário da diocese, era um que, no relacionamento com os párcos e com os religiosos, não usava delicadezas e meios termos e sob certos aspectos era até uma pessoa rude. Pois bem, Dom Marelo, usando sempre a sua docilidade, fez com que ele se tornasse um sábio conselheiro, um fiel e inteligente executor de suas diretivas e um respeitoso colaborador. Quando Dom Marelo morreu, Monsenhor Pagella, ao vê-lo, exclamou: “*O Senhor quebrou uma forma. Um homem assim nunca mais o fará*”. De fato, o breve espaço de seu episcopado, de apenas seis anos, foi pleno de vigoroso dinamismo, de acentuada força de vontade e de confidente espírito de iniciativa pastoral. Sua arma de trabalho era o amor e o exemplo edificante. Serviu à comunidade diocesana com dedicação e desprendimento total. Com seu clero considerou-se um simples padre.

A diocese de Acqui era composta de cento e vinte paróquias. Ele as conheceu todas, percorreu todas e visitou e, mesmo com saúde debilitada e em viagens desconfortáveis, deixou em cada canto seu exemplo, edificando a todos com a oração e com a atenção para com os pobres, os doentes, e as crianças.

Seu episcopado coincidiu com a renovação efetuada pelo pontífice leonino, pois a tomada de posição da Igreja diante da questão social, com a encíclica “Rerum Novarum”, tinha dado novas forças às iniciativas católicas. Em sua diocese advertia-se o divórcio entre a vida pública e a vida religiosa da Igreja. Todavia, em meio a toda esta atmosfera, a amabilidade de Marelló superou todos os equívocos, as dificuldades e as incompreensões. Sempre manteve a comunhão fraterna, a união eclesial e o dinamismo apostólico em sua Igreja particular. Com renovado espírito consagrou-se totalmente ao bem espiritual de sua diocese, dedicando-se particularmente ao seminário, ao clero e aos religiosos.

Como bispo teve também suas cruzes, pois, afinal, para o bispo, a cruz é uma das insígnias mais distintas. A cruz mais pesada foi, sem dúvida, a da separação de sua família de Santa Clara, que deixara em dificuldades sobretudo financeiras. Mesmo assim, a providência, para compensar esta dura pena, abria a seus filhos de Santa Clara o caminho para adquirir o castelo de Frinco, útil para sede de uma casa de formação.

SEU ESTILO DE VIDA

O comportamento simples e dignificante, sua maneira de ser afável e silenciosa, a calma e serenidade nas situações mais delicadas constituíam a essência do seu estilo de vida. Para chegar a isso, como vimos, foi necessário um contínuo exercício de autodisciplina e um trabalhoso processo de simplicidade de seu espírito. A simplicidade, motivo freqüente de suas cartas e escritos, tornou-se a pedra angular do seu agir e da sua pregação. Ele dizia: “*A simplicidade é uma virtude que nos aproxima mais que todas da perfeição de nosso Pai celeste*”.²⁵ Em outra passagem de seus escritos assim dizia: “*A ação do Espírito Santo em nossas almas, é, essencialmente, trabalho de simplificação*”.²⁶ Aqui está a razão mais profunda dele ter escolhido como patrono da Companhia o carpinteiro de Nazaré.

²⁵ Mario Pasetti, *Lettene dei venerabili Giuseppe Marelio carta nº 76.*

²⁶ *Ibid*

SEU MAGISTÉRIO

Após sua primeira pastoral sobre a paz, pela ocasião de sua posse na diocese de Acqui, outras cartas apareceram permeadas de ensinamentos evangélicos. A segunda carta pastoral, em fevereiro de 1890, toda penetrada de religiosidade e de um destaque especial à fé, salienta o valor da penitência, da eucaristia, da santificação dos dias santos e da luta contra as paixões...

A carta pastoral de janeiro de 1891, colocava em enfoque o valor da penitência, evidenciando o jejum como nutrimento das virtudes e remédio salutar para domar a carne em proveito do espírito.

A educação da juventude foi o tema da carta de 1892, a mais longa de todas as suas cartas pastorais. Sua preocupação para com os jovens vinha de longe, desde as suas experiências pessoais do tempestuoso período torinense, onde tinha visto tantos jovens desorientados e perdidos. Escrevendo a seu amigo Delaude, dizia: *“Ah! pobre juventude, por demais abandonada e esquecida; pobre geração nova deixada sobremodo à própria sorte e ainda muitíssimo caluniada ou, pelo menos, duramente julgada em suas leviandades e em sua generosidade mal contida, naquela necessidade de ação mal desenvolvida, de afetos mal orientados, pelos quais sem toda sua culpa, se afasta do reto caminho! Pobre juventude! Rezemos mui particularmente por ela”*.²⁷ Palavras que têm mais de cem anos, das quais, po-

²⁷ Angelo Rainero, Pensamentos e Máximas de Dom José Marelló, 13 de

rém, hoje, não poderíamos tirar nada nem sequer acrescentar uma vírgula.

A educação cristã dos jovens, na opinião de Marelló, devia envolver o coração e o intelecto, cabendo antes de tudo a tarefa de educar aos que por Deus foram chamados à grande e formidável tarefa de criar uma família. Os pais, com suas vidas, devem ser para os filhos um livro sempre aberto diante deles, que permita conhecer o bem para segui-lo e o mal para evitá-lo.

Em 1893, o assunto de sua carta pastoral foi sobre o respeito humano, um “*veneno mortífero*” do qual ocorre liberar-se sempre, mas “*especialmente nos tempos e lugares nos quais vivemos*”, caracterizados pelo grande número de inimigos da fé e da moral cristã.

No início de 1894 escreveu a carta pastoral sobre o catecismo. Nesta, o bispo de Acqui expressava sua opinião que, para cada escola que se abre, um cárcere se fecha. Mesmo assim, com tantas escolas e tantos professores, com tantos livros e jornais, as estatísticas mostram com clareza o crescimento da corrupção, e também o número sempre maior de delinqüentes menores de idade.

O fato é que, para o progresso moral do homem, a cultura da mente não é suficiente, quando falta a educação do coração. A instrução, dissociada da religião, não dá verdadeira luz ao intelecto e real impulso à vontade. O homem precisa saber de onde vem e para onde vai; precisa saber distinguir entre o bem e o mal: o catecismo tem a resposta para todos estes interrogativos, e nos dá a conhecer as verdades teóricas e especulativas das quais nossa mente tem necessidade. Dom Marelló

ainda enfatiza o fato de que a sociedade de seu tempo estava imersa nos ensinamentos de uma moral mutilada, vaga e incoerente. A imprensa, penetrando sob todas as formas no casebre do pobre e na oficina do operário, com seus princípios e máximas que fomentavam as paixões e corrompia a mente e o coração, abalava as bases da família.

No último fevereiro de sua vida, Dom José Marelló dirige sua sétima e última carta pastoral aos seus diocesanos onde, fazendo eco à encíclica de Leão XIII sobre as missões apostólicas, deixa bem claro sua intenção de que é necessário assumir o convite de Cristo “*Ide por todo mundo e pregai o evangelho*”.

Através destas cartas pastorais podemos ter a imagem interior e exterior do bispo Marelló: uma alma de uma riqueza espiritual e de uma ânsia pastoral, uma pessoa de uma alta doutrina e santidade e, ao mesmo tempo, de uma paterna solicitude para com a saúde de seu rebanho.

UM HOMEM INSERIDO

O movimento social católico, na segunda metade do 1800, havia encontrado no jovem Marelo um sagaz fautor. Como homem e ministro da Igreja, nunca deixou de dar assistência e de promover as classes mais humildes. Ele sempre se esforçou em procurar colaboradores leigos para o apostolado na Igreja. Teve especial preocupação para com a iniciativa da boa imprensa, a difusão de bons livros, tudo isso sem cair num ativismo prático, mas sempre preocupando-se de dar a todas as iniciativas um fundamento de espiritualidade. Como bispo, sempre fez com que seus escritos fossem apropriados e inseridos no seu contexto histórico-social.

Quando escrevia ao Pe. João Cortona, que o substituíra na direção da Congregação, e também aos seus membros, sempre tinha um tom amigável e paterno: por exemplo “*diletos filhos da casa de Santa Clara. . .*”. Nestes escritos colhe-se uma simplicidade quase franciscana, fundada sobre um vivo interesse pelas coisas grandes e pequenas que se apresentavam no caminho de sua Congregação, interesse este que se manifestava quer pela formação espiritual, quer pela saúde física de cada sacerdote e irmão. De Acqui, certa vez, escrevia a seus filhos desejando a todos “*férias salutares para o corpo e para o espírito...*”²⁸. Sempre foi fiel às amizades; sempre cultivou “*as grandes amizades*”. Isto deixou claro quando escreve que, de férias em Strevi, lugarejo de descanso de sua diocese, aproveitou o tempo para por em dia sua correspondência atrasada e para

²⁸ Mario Pasetti, *Lettere dei venerabili Giuseppe Marelo carta nº 216*.

conversar com todos aqueles que vinham visitá-lo. Sempre que podia gostava de estar junto com os sacerdotes e irmãos de Santa Clara. O descanso que tinha, não excluía o contato com os seus filhos para troca de idéias e para aconselhar.

O CARACTERÍSTICO DE MARELLO

Marello era um homem extraordinariamente dócil e tinha a maravilhosa capacidade de tranqüilidade de espírito. Sua docilidade e mansidão provinham do equilíbrio interior que lhe dava a possibilidade de afrontar qualquer dificuldade e de contaminar também o ânimo dos sacerdotes. Foi justamente por sua calma dignitosa e amável que pôde dominar as facções que existiam em sua diocese. Agradava a todos em suas pregações. Não obstante às vezes se delongasse, suscitava, todavia, grande atenção em quem o escutava, devido não só a sólida e segura doutrina, mas sobretudo ao seu empenho em comunicar a palavra de Deus às almas.

Pela ocasião de uma das jornadas Marellianas acontecida no ano de 1953, o cardeal Idelfonso Schuster, de maneira bastante precisa, afirmava que as características de Marello podiam ser expressas assim: *“A consagração de toda a sua vida, desde a infância, à Maria, é um dos sinais da verdadeira santidade e uma das condições de poder chegar até ela”*.

MARELLO E MARIA

O arco todo de sua vida é marcado por fatos e acontecimentos predispostos pelas mãos de Maria. Em maio de 1855, quando ainda não tinha onze anos, como já vimos, acontece o primeiro encontro com Maria, no Santuário de Nossa Senhora da Misericórdia em Savona. Maria fez-lhe o convite e naquele lugar sagrado desabrochou sua vocação sacerdotal: “*Serei sacerdote e sacerdote santo*”, afirmou ele naquela ocasião. Quando jovem, em suas andanças fora do seminário, a mão maternal de Maria colocou-o novamente no caminho certo, curando-o quase que milagrosamente do tifo e de suas complicações.

Apenas pôde subir ao altar na qualidade de sacerdote, seu primeiro pensamento foi o de agradecer Maria pela graça de ter-se tornado ministro de seu Filho. Assim, sua segunda missa ele a celebrou no pequeno santuário de Vallone, dedicado a Nossa Senhora das Mercês, santuário este que pertencia ao seu tio e que Marello em seguida adquiriria confiando-o a seus filhos espirituais para que cuidassem, o embelezassem e tomassem conta dele convenientemente. Foi também no mesmo Santuário de Nossa Senhora da Misericórdia, onde tinha tomado sua grande decisão, que celebrou sua última missa como bispo: lá teve o último encontro com Maria e por coincidência era o mês de maio.

Em todos os momentos demonstrou sua viva devoção para com Maria e entre os seus propósitos, quando ainda era

clérigo, havia aquele de rezar o rosário segundo as intenções da santa Igreja. Marelló quis que com grande solenidade se celebrasse a novena e a festa da Imaculada. A Igreja foi a primeira a introduzir esta novena e esta devoção na cidade de Asti. Por ser um apaixonado de Maria, ele pregava freqüente e espontaneamente sobre ela. Em sua vida fez muitas peregrinações em santuários marianos da Itália.

Sempre recomendava aos seus filhos a devoção a Nossa Senhora. Por ocasião da natividade de Maria ele assim os exortava: *“Dispomo-nos santamente em celebrar a novena de Maria Santíssima, a fim de que esta boa Mãe se digne a vir renascer em nossos corações com seus dons e suas graças”*.²⁹ *“Pela ocasião da cara festa da Apresentação de Maria Santíssima ao templo, aprendamos também nós a imitar este bonito ato de generosidade da nossa Mãe celeste, que na idade de apenas três anos ofereceu-se toda ao Senhor”*.³⁰ Um dos testemunhos mais edificantes de Marelló era o seu espírito de oração. Como devoto de Maria, não deixava de rezar o rosário todos os dias, muitas vezes, ajoelhado sobre o chão duro e esta devoção cuidava de transfundir em seus filhos espirituais e nos fiéis. De fato ele sempre repetia: *“Rezemos o rosário, tenhamo-lo de bom grado entre as mãos, recitando-o diariamente e com fervor; felizes de nós se em nossa vida ficarmos fiéis a esta oração: tendo em nossa vida meditados os mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos, pois, com nossa morte passaremos no céu a contemplá-los desveladamente para toda a eternidade”*.³¹ Dizia

²⁹ Rainero Ammaestramenti spirituali dei servo di Dio S.E.Mons. Giuseppe Marelló, p. 42.

³⁰ Ibid

³¹ Angelo Rainero, Ammaestramenti spirituali dei servo di Dio S. E. Mons. Giuseppe Marelló, p. 43.

também: *“Milhões de vezes pronunciamos o nome de Maria, mas sem experimentar todos os salutareos efeitos, porque não o pronunciamos com devoção sincera e profunda. . . O nome de Maria é luz nas trevas, escudo nos combates, refúgio nos perigos, conforto nas tribulações e penas”*.³²

³² Ibid

DOM MARELLO E SÃO JOSÉ

Marello foi sempre um grande devoto de São José, desde a sua tenra idade. O seu nome de batismo já era um estímulo para isso. Jovem clérigo, não deixava em seus propósitos de perfeição de invocar, junto com Jesus e Maria, também a São José “*Nunc Coepi, agora começo, meu Jesus minha Mãe, meu protetor São José*”³³... *Jesus, Maria, José, anjos e santos nossos protetores, queremos ir convosco, qual é a estrada mais segura?*”³⁴ Quando se ordenou sacerdote, escolheu-o como modelo no seu ministério, e exortava seu companheiro Riccio a fazer o mesmo quando escrevia na eminência da festa de São José no ano de 1869: “*Sexta-feira é dia de São José, aniversário da primeira recitação do divino ofício... Nesta data recordaremos no santo sacrifício, que nós dois temos o nome de José...*”³⁵ Em 1870, na ocasião do Vaticano I, escrevia a este mesmo seu colega estas palavras que são uma explosão do seu incontido amor a São José “*Viva São José com seus devotos!*”³⁶ Aos seus irmãos ele ensinava: “*Os trabalhos intelectuais e aqueles manuais sejam juntos considerados dois meios que conduzem ao mesmo fim: o serviço Deus na imitação a São José*”³⁷ Ao irmão Felipo, que não se saía bem nos estudos eclesiásticos, escrevia: “*Se, à semelhança do grande Patrono, tivesse que servir a Jesus em funções modestas e inferiores àquelas de Pedro,*

³³ Angelo Rainero. Pensamentos e Máximas de Dom José Marello, 3 de janeiro.

³⁴ Ibid, 20 de maio.

³⁵ Mario Pasetti, Lettene dei venerabili Giuseppe Marello carta n° 35.

³⁶ Ibid, carta n° 62

³⁷ Ibid, carta n° 207

“você pensará que o humilde guarda de Jesus está no céu acima do grande apóstolo”.³⁸ Em outra ocasião dizia ele: *“São José foi sempre humilde, mantendo-se silencioso e escondido, atribuindo todo mérito à Maria, sua esposa Virgem e Santíssima”*.³⁹ *“Tomemos por exemplo S. José: ele devia dedicar-se ao trabalho e às ocupações exteriores para sustentar a Sagrada Família e, portanto, não podia sempre estar em oração, mas se aos olhos do mundo não contava nada, oh! como o Senhor considerava todo o seu trabalho!”*⁴⁰.

“São José praticava as virtudes humildes e obscuras, mantendo-se sempre calmo, sereno e tranqüilo, observando entretanto perfeita conformidade à divina Vontade”.⁴¹

“...Contemplemos esse modelo e aprendamos a nos manter calmos e serenos em todas as circunstâncias da vida”.⁴² *“É necessário pedir a São José a tranqüilidade e a igualdade de espírito: ele era sempre igual a si mesmo, quer quando dava ordens a Jesus, a Sabedoria do Pai, quer quando exercitava a sua profissão, ocupando-se dos trabalhos mais humildes e grosseiros!”*⁴³.

A São José, Marelló recorria sempre com a máxima confiança, certo de ser sempre atendido em todas as necessidades, em todas as dificuldades, em todos os perigos de sua vida e de seu Instituto. Em circunstâncias um tanto críticas para seu Instituto, ele assim exortava seus filhos: *“Encarreguemos o nosso bom Papai São José de nos proteger, pois é o Patriarca da gente angustiada...”*⁴⁴

³⁸ Ibid, carta nº 248

³⁹ Angelo Rainero. Pensamentos e Máximas de Dom José Marelló, 26 de março.

⁴⁰ Angelo Rainero, Ammaestramenti spirituali del servo di Dio S. E. Mons. Giuseppe Marelló.

⁴¹ Angelo Rainero. Pensamentos e Máximas de Dom José Marelló, 27 de março.

⁴² Ibid, 28 de março

⁴³ Ibid, 29 de março

⁴⁴ Angelo Rainero. Pensamentos e Máximas de Dom José Marelló, 15 de março.

Numa ocasião de particular prova que a Congregação passava, sua confiança em São José brilhava mais, tanto que chegou a comunicar a seus filhos espirituais: “...*Os irmãos de São José estão mais do que nunca tranqüilos sob o grande manto do seu protetor...*”⁴⁵. Em outra ocasião escrevia de Acqui: “*Animai-vos todos sob o manto paterno de São José, lugar de ótima segurança ‘in tribulationibus et angustiis!': nas tribulações e nas angústias!*”⁴⁶ Pouco depois escrevia: “*Em torno dos irmãos de São José, a obscuridade espiritual vai se tornando cada vez maior: obscuridade que quase nos impede de dar um passo com segurança. E sejam também bem vindas estas pavorosas trevas; caminharemos confiantemente no escuro sabendo que os anjos olham por nós para não cairmos. Avançaremos a passinhos, se não podemos correndo, ou a passos, mas ficaremos de pé. Mas quando virá a luz? Eis o segredo de Deus!*”⁴⁷ “*Queira São José cobrir com o seu manto paterno os seus filhos devotos*”⁴⁸.

Aos seus discípulos ele repetia sempre de todo o coração esta oração: “*Diremos ao nosso grande Patriarca: ‘Eis-nos todos para ti e tu sejas todo para nós!’*”⁴⁹ “*Indica-nos, tu, ó José, o caminho; sustenta-nos a cada passo; conduze-nos para onde a Divina Providência quer que cheguemos!*”⁵⁰ “*Seja comprido ou curto, bom ou mau o caminho, enxergue-se ou não a meta com a vista humana, devagar ou depressa, contigo, ó José, estamos certos de caminhar sempre bem!*”⁵¹.

⁴⁵ Mario Passetti, *Lettere del venerabile Giuseppe Marelli*. Nº 161

⁴⁶ *Ibid*, carta nº 278

⁴⁷ *Ibid*, carta nº 272

⁴⁸ Angelo Rainero. *Pensamentos e Máximas de Dom José Marelli*, 31 de março

⁴⁹ Angelo Rainero. *Pensamentos e Máximas de Dom José Marelli*, 3 de março

⁵⁰ *Ibid*, 4 de março

⁵¹ *Ibid*, 5 de março

MARELLO E A AMIZADE

Marello sempre foi muito estimado pelos seus colegas. Possuía o dom de criar amizades. Mesmo durante as férias, onde cada seminarista ia para a sua casa, Marello permanecia em contato com a maior parte deles através de cartas. Em quase todas as cartas aos amigos desculpava-se por ter demorado em escrever-lhes, mas também, em tom de brincadeira, fazia a mesma advertência aos colegas. Suas cartas eram sempre de incentivo para os companheiros e, às vezes, até de admoestações, embora feitas com muita delicadeza.⁵² Não esquecia de lembrar aos seus amigos em férias, seus deveres de seminarista: o de rezar sempre e o de estar disponível ao serviço da paróquia. Sempre conseguia reunir-se com os amigos durante as férias; muitas vezes oferecia hospedagem em sua casa para aqueles que vinham visitá-lo. Fazia de sua amizade um meio para ajudar o próximo, evitando sempre fechar-se em grupinho; a este propósito, é significativo o testemunho do seu irmão Vitorio: “*Quando meu pai ia visitar José, voltava para casa sempre com os bolsos vazios*”. De fato Marello pedia dinheiro ao pai para poder ajudar os amigos mais pobres.

As cartas do período sacerdotal são geralmente calcadas de caráter burocrático, mas ricas de valor literário; elas se caracterizam por uma clareza de expressão. Suas cartas enviadas aos colegas de seminário expressam uma incontida nostalgia por aqueles anos vividos, tanto que afirma: “*Oh, aquele tempo que não volta mais*”. Lamentava, às vezes, que não tinha tempo

⁵² Mario Paetti, *Lettere del venerabile Giuseppe Marello*, carta nº 5

disponível para escrever; de fato, seu trabalho como secretário de Dom Savio, não lhe permitia muito tempo. Em sua carta número vinte e sete assim escrevia: “*Termino esta carta porque acaba o tempo livre*”.⁵³ A um seu amigo em crise, Marelló, depois de mostrar-lhe a realidade e desdramatizar a situação, propõe um esquema de atividade para a sua vida. Esta carta, além de persuadir e de confortar, é um maravilhoso produto de sua inteligência, fruto de um coração sábio, onde a beleza das imagens evocadas expressam o calor dos sentimentos que ele vivia. Eis a citação de alguns trechos:

“*No silêncio a alma se prepara para lançar o brado altíssimo que deverá retumbar por todo o orbe católico*”.⁵⁴

“*Recomecemos, recomecemos de verdade. Invoquemos o Espírito Santo para que nos ilumine e caminhemos à presença de Deus com a simplicidade da criancinha que se diverte, á vontade, aos olhares da mãe*”⁵⁵.

“*Linda coisa é a correspondência: ela nos proporciona momentos divinos; ela nos une em espírito às pessoas mais queridas, permite trocar, a nosso bel prazer, as suaves e ternas amizades, dá-nos os meios de transmitir todos os sentimentos e todas as pulsações do coração*”.⁵⁶

⁵³ Mario Pasetti, *Lettere del Venerabile Giuseppe Marelló*, carta nº 27.

⁵⁴ Angelo Rainero. *Pensamentos e Máximas de Dom José Marelló*, carta nº 27

⁵⁵ Angelo Rainero. *Pensamentos e Máximas de Dom José Marelló*, 4 de janeiro.

⁵⁶ *Ibid*, 22 de dezembro.

MARELLO: UM HOMEM DE FÉ

Sua fé era sentida em suas palavras, em suas pregações, nos seus conselhos; transparecia em seu modo de rezar e de comportar-se. A fé que possuía dava unção às suas pregações. Celebrava a missa todos os dias com, devoção, com postura edificante, sempre recolhido no espírito. Toda a sua vida foi substancialmente um testemunho de fé. Ele afirmava: “*Sem fé não pode haver caridade, sem caridade não pode haver nada, absolutamente nada. Logo: renovamini spiritu, etc.. . renovemo-nos em cada dia, a cada hora!*”.⁵⁷ *Sem fé não podemos salvar-nos!*”.⁵⁸ *Uma fé total e confiante, pois, sua vida toda foi permeada de uma confiança total à voz de Deus. “Nossa fé deve ser simples, total, incondicionada”.*⁵⁹ “*É preciso ver todas as coisas à luz da fé, fazer prevalecer sempre a razão sobre o coração, e a vontade de Deus sobre a razão: aceitar tudo das mãos do Senhor, quer nas coisas que nos agradam, quer nas que nos revoltam, sempre e por tudo respondendo: Deo gratias!*”.⁶⁰ “*A fé é o fundamento da vida cristã: também a humildade e a mortificação devem ser baseadas na fé...*”.⁶¹ Sempre empenhado em manifestar sua fé, suas palavras eram convincentes, pois sentia a necessidade em seu coração de transmitir para os outros as suas certezas. E os outros sentiam que suas palavras, claras e simples, nasciam de uma convicção

⁵⁷ Angelo Rainero, Pensamentos e máximas de Dom José Marelllo, 24 de agosto.

⁵⁸ Angelo Rainero, Ammaestramenti Spirituali dei servo di Dio S.E. Mons. Giuseppe Marelllo, p. 23.

⁵⁹ Ibid, p 23

⁶⁰ Angelo Rainero, Pensamentos e máximas de Dom José Marelllo, 5 de novembro

⁶¹ Angelo Rainero, Ammaestramenti Spirituali dei servo di Dio S.E. Mons. Giuseppe Marelllo, p 24

profunda e de uma caridade que difundia certeza. Fundou a Congregação dos Oblatos de São José para que pudesse colaborar com o serviço de levar a fé aos irmãos. Em Santa Clara, Pe. José pensou logo em abrir, à noite, um curso de catecismo para os jovens operários; de fato, em 1884 iniciou a catequese e dela participavam tantos que, além de Marelo e dos irmãos, foi necessária a ajuda de vários sacerdotes da cidade.

FIDELIDADE AO PROJETO DE DEUS

Marello foi fiel à sua vocação e soube realizar sua escolha em meio às dificuldades que naturalmente surgiam. Sua escolha foi de amor e de serviço, como se convém a quem quer consagrar-se totalmente a Deus. Foi fiel a Cristo, procurando promover, em todos os lugares e em todas as circunstâncias, o conhecimento do Evangelho, do amor, da misericórdia e da bondade de Deus. Foi fiel à Igreja, aceitando e praticando sempre as diretrizes de Roma, como podemos perceber muito bem em suas cartas. Foi fiel ao senso de paternidade, que é uma potência de fecundidade espiritual, ficando, como Fundador, perto de seus Oblatos, visitando-os, escrevendo-lhes com freqüência, convidando-os para as férias em sua residência episcopal de Strevi, onde como um pai passava o verão com eles, acompanhando-os em caminhadas através das colinas. . . Foi um homem fiel aos seus amigos, como dá a conhecer o seu epistolário; juntamente com esta amizade e fidelidade aos amigos, ele demonstrava também uma fidelidade às crianças, aos velhos, que ele tinha recolhido em Asti, aos pobres, aos marginalizados etc.⁶² Foi fiel à oração e às devoções, sobretudo à devoção ao Santíssimo Sangue⁶³, à Maria e a José.

⁶² Mario Pasetti, *Lettere del venerabile Giuseppe Marello*, carta n° 113.

⁶³ Angelo Rainero, *Ammaestramenti spirituali dei servo di Dio S.E. Mons. Giuseppe Marello*, p. 62.

MARELLO E OS JOVENS

Uma das grandes preocupações mais marcantes da vida de Marelllo foi a de formar a juventude. Em muitas cartas, ele expressava a vontade de fazer chegar até as mãos dos jovens bons livros para enfrentar o grande mal da má imprensa que então propagava as seduções do vício.⁶⁴ Mas de onde provinha toda essa predileção para com os jovens e a preocupação de assegurar-lhes uma sólida formação cristã? A motivação nós a encontramos na sua amarga experiência pessoal, quando, aos dezoito anos, se achava numa situação de agitação e de perigo, como ele mesmo confessa em alguns dos seus escritos. Uma experiência que o tornara sensível às situações da juventude insidiada por pessoas que, ao invés de promover os nobres ideais, aviltavam-nas com mesquinhos engodos. Marelllo a tudo isso foi sensível. Na sua carta pastoral sobre a juventude, ele distinguia entre instrução e educação, afirmando que a primeira relaciona-se com a inteligência, enquanto que a segunda com o coração. Lembrava ainda aos pais que eles eram os primeiros educadores dos seus filhos, e salienta a educação religiosa como fundamento de todas as outras disciplinas. Recomendava aos pais o testemunho de sua vida e ensinava-lhes a cuidarem dos filhos não só dentro das paredes da casa, mas também fora. Propunha remédios para as quedas e aconselhava justa proporção entre as repreensões e os prêmios, entre as correções e os

⁶⁴ Angelo Rainero, *Ammaestramenti spirituali dei servo di Dio S.E. Mons. Giuseppe Marelllo*, p. 39

incentivos. Bom conhecedor de psicologia, Marelllo aconselhava ao educador a estudar a índole de cada adolescente ou jovem para construir a formação sobre as exigências pessoais de cada um. Ensinava que não bastava somente a cultura da mente para conseguir a perfeição moral do homem, mas sim que era indispensável a ajuda da religião que determina a conduta moral em relação a Deus e ao próximo. O catecismo para ele tinha um critério de sabedoria e de vida que ilumina a sociedade. *“É necessário voltar ao catecismo, o livro por excelência, que contém uma verdade, um conselho, um ensinamento para todos. Ao rei ensina a arte de governar e ao povo traça os princípios de liberdade; ao poder legislativo fornece os critérios da legislação; orienta o funcionário na administração dos bens públicos; aponta ao magistrado os caminhos da justiça; inculca no operário a moralidade do trabalho, garante ao rico os seus direitos de propriedade e ao pobre o pão cotidiano da caridade!”*⁶⁵

⁶⁵ Angelo Rainero, Pensamentos e máximas de Dom José Marelllo, 27 de abril.

MARELLO: HOMEM E SANTO

A vida de José Marelllo foi marcada por uma série de contradições e de renúncias; um mar tranqüilo na superfície mas muito agitado na sua profundidade. Fazia um esforço contínuo para mortificar-se. Basta lembrar aqui a exuberância de seu temperamento, o quanto lhe custou freá-lo e dominá-lo, justamente devido a sua personalidade muito rica no plano afetivo, volitivo e intelectual. Ele escrevia, em 1869, ao seu amigo De-laude: *“Mortifiquemos com magnanimidade este nosso espírito protervo, esta nossa carne rebelde, esta nossa natureza corrupta! Eduquemo-nos ao sacrifício do que mais caro tem o nosso coração...”*⁶⁶

Leoncini, um grande psicólogo e teólogo, afirmava que a serena docilidade de Marelllo não era dom de sua natureza mas sim fruto e prêmio de lutas íntimas e contínuas. Foi pela sua humildade que aconteceu esta profunda transformação em sua vida. Humildade que não era debilidade e apatia, mas raiz e fundamento de todas as virtudes, a resultante final de todas as vitórias adquiridas minuto por minuto sobre as paixões e os impulsos. Humildade, que se transformava diante de Deus em oração, amor e fé; diante dos superiores em docilidade e obediência, e ante o próximo em paciência, perdão e caridade. Quando Fundador não queria aparecer, quis que a sua Congregação fosse embebida de humildade. Quando bispo, se dizia um servo inútil. Seus escritos são permeados de elogios a humildade e de convites à autodisciplina, assim como as suas pregações

⁶⁶ Mario Pasetti, *Lettere del Venerabile Giuseppe Marelllo*, carta nº 27

e direções espirituais.

As renúncias à vocação de escritor e aos impulsos do temperamento não foram as únicas de sua vida; basta lembrar que renunciou a ser trapista para fundar uma Congregação voltada de maneira especial ao apostolado ativo; renunciou a ser um simples sacerdote para aceitar a ser bispo. Certo dia o bispo Dom Ronco, depois de anos de permanência na cidade de Asti, perguntou ao irmão Medico, se o superior da Congregação era Marelo ou o canônico Cerutti; ao que o humilde Oblato respondeu: “*O primeiro superior é Vossa Excelência, e depois Marelo*”.

Cada renúncia sua foi uma escolha; por isso, ele foi “*extraordinário nas coisas ordinárias*”. Bem observou o primeiro superior da Congregação, Pe. Cortona quando afirmava: “*...Nele encontrava-se um tal espírito de piedade, um tal perfume de virtude que tudo nele era admirável e o fazia caro a Deus e aos homens!*”.⁶⁷ O ordinário em sua vida implicava num constante exercício de suas virtudes, numa grande força de vontade, num absoluto domínio de si e numa contínua busca de equilíbrio entre a mansidão e a fortaleza. Aos seus filhos recomendava fazer as coisas comuns de modo incomum.

Podemos, portanto afirmar que Marelo teve a simplicidade e a ingenuidade das crianças, mas a prudência e o senso de responsabilidade de pastor. Foi um, homem de oração em casa, mas de apostolado ardente fora de casa. Governou com vigor e suavidade a diocese de Acqui e, ao mesmo tempo, a sua Congregação. Homem calmo, paciente e simples. Seu fervor pastoral não conheceu descanso. Foi um administrador prático e rea-

⁶⁷ Giovanni B.Cortona, Brevie Memorie della vita di Mons. Giuseppe Marelo, p.

67

lista, iluminado ao mesmo tempo por uma visão profunda, sempre cheio de dons para com os outros, mas sempre pobre para com sua pessoa. Foi uma alma grande e generosa, sempre permeada de Deus em todos os atos de sua vida, dando sempre uma dimensão humana às coisas divinas e uma dimensão divina às coisas humanas. Foi um homem de muitas renúncias. Houve, porém, uma renúncia que jamais fez: trabalhar para o reino de Deus nesta terra. Nenhum obstáculo freou-o nesta caminhada, pois ele mesmo afirmava: *“Uma vez fixada a meta, venha o céu abaixo, precisa olhar para lá, sempre para lá!”*.⁶⁸

⁶⁸ Angelo Rainero, Pensamentos e máximas de Dom José Marelllo, 16 de agosto

MARELLO: UM POBRE PECADOR

O Papa Paulo VI a 30 de abril de 1978, proclamou o grau heróico de suas virtudes, e agora ele é o “Venerável”. Quem o conheceu, testemunha com suas declarações, seu heroísmo. O próprio Papa Leão XIII o definiu “*uma pérola de bispo*”. O Papa Pio X o definiu “*um santo*”. O cardeal Gamba, arcebispo de Turim, dizia que o Marello foi “*um praticante em grau heróico de todas as virtudes teologais e morais*”. O Cônego Peloso afirmou “*caro a Deus e aos homens*”. Muitos outros o tiveram como mestre fecundo de doutrina cristã, pérola de santidade, figura suave e angélica, herói pela sua caridade e paciência, santo para se amar e se venerar, mártir da caridade e decoro do episcopado subalpino.

Mas o que pensava de si Marello? No testamento datado de 6 de julho de 1873, ele se subscrevia “*pobre pecador*”. “*Considero-me como um mísero cristão que aspira ao próprio melhoramento, mas que caminha com passos fracos e vacilantes*”. Em outra carta pede para rezar ao Espírito Santo “*para que queira acender o fogo da caridade no coração de um pecador que se subscreve José Marello*”.⁶⁹ A infinita grandeza do criador e a infinita pequenez da criatura: desta abissal desproporção ele sempre teve sincera e grande consciência. No entanto, fora clérigo modelo; secretário confidente e confessor de seu próprio bispo; valente chanceler da cúria; iluminado

⁶⁹ Mario Pasetti, *Lettere del Venerabile Giuseppe Marello*, carta nº 81.

mestre de espírito e diretor de almas muito procurado; Fundador de uma Congregação; bispo por escolha direta do Papa; amado e aclamado santo pelo povo. A santidade de Marelo não foi uma santidade exterior, taumatúrgica, que causava admiração, mas uma santidade simples, modesta, silenciosa, entrelaçada de atividade e de contemplação; portanto, mais perto da nossa humanidade. Em suma, podemos defini-lo, “*um santo do cotidiano*”. Os padres da diocese de Acqui, diziam que o bispo Marelo tinha a arte de cativar também as pessoas de caráter mais duro. Na verdade, a sua mansidão, a prudência e o conhecimento do coração humano, fazia-o sempre dócil, bondoso e querido por todos.

A MORTE DE MARELLO

Em 1895, os padres Escolópios de Savona estavam para celebrar a solenidade dos trezentos anos da morte de São Filipe Neri, e desejavam para este acontecimento a presença de um bispo. Dom Borraggini, então bispo da cidade, na impossibilidade de participar de tal evento devido a outros compromissos já assumidos, aconselhou aos padres de chamar Dom Marello. Diante do convite, Marello respondeu assim ao provincial dos padres, Pe. Luiz DeI Buono: *“Aceito com prazer sua grata proposta que responde ao meu desejo de sua hospitalidade e da doce companhia dos bons padres Escolópios. . .”*. Devido ao seu estado de saúde foi-lhe aconselhado não ir a Savona, mas ele respondeu sorridente, que tinha dado sua palavra e que não podia faltar. Foi a Savona e procurou lá cumprir todos os seus compromissos. Mesmo passando mal, celebrou a missa no santuário da Misericórdia, onde tinha confiado à Maria o seu ministério sacerdotal. Após a missa, quase que repentinamente, morreu, de hemorragia interna, **aos 30 de maio de 1895**. Seu confessor deu este testemunho sobre sua morte: *“Pode-se ter por certo que ele morreu pela sua Congregação”*. Também um cardiólogo, ao ser interpelado sobre sua morte, assim afirmou: *“fisiologicamente não se explica a sua morte, deve ter acontecido qualquer fator exterior que o agravou muito e lhe causou uma síncope devido a um trauma psicológico”*.

Seu corpo foi transportado para sua diocese e ali ele ficou exposto no palácio episcopal para que todos pudessem dar-lhe o

último adeus. Entre as tristezas e as lágrimas do povo que se comprimia, uma espécie de palavra de ordem se ouvia no átrio episcopal: “*era um santo!*”; “*Nós perdemos um santo!*”. Dom Ronco ao saber da notícia de sua morte, cheio de pesar exclamou: “*Foi um mártir da caridade!*”, e ele tinha uma razão para fazer esta afirmação, pois tinha conhecido seu amor para com os jovens e sua assistência aos pobres. Sabia de sua luta pela defesa dos direitos e da existência da Congregação.

Marello, depois de sua morte, seguiu as pegadas de seu protetor e inspirador, São José. O grande patriarca ficou por muitos séculos esquecido na liturgia; o mesmo aconteceu com Marello, pois só depois de 1920 começou-se a falar dele e se passou a considerá-lo na sua justa luz. E nada de mais justo que reconhecer aquele que o povo, pela sua bondade e pelo seu sorriso, afirmava: “*Ele parece o Senhor!*”.

CAUSA DE SUA BEATIFICAÇÃO

A fama da santidade do Bem-aventurado Marello, já proclamada durante a vida, difundiu-se depois de sua morte e foi confirmada por Deus com graças recebidas, que levaram à causa de Beatificação.

Nos anos de 1924, 1928, 1941 e 1942 passaram, na cúria episcopal de Acqui, os processos sobre sua fama de santidade. Entretanto, nos anos de 1924 a 1928, foi feito o mesmo na cúria episcopal de Asti, assim como, em 1925, na cúria de Turim. De 1948 a 1951, por autoridade apostólica, foi instruído na cúria de Acqui o processo sobre suas singulares virtudes. Depois disto, desenvolveram-se, junto à Sagrada Congregação para a causa dos Santos, as discussões sobre as virtudes teológicas e cardeais. Aos 25 de outubro de 1977, com os votos dos prelados e dos padres consultores, sendo relator o cardeal Luiz Ciappi, foi reconhecido unanimemente que o servo de Deus tinha exercitado todas as virtudes cristas em grau heróico. E o papa Paulo VI, confirmando os votos dos eminentíssimos cardeais, após uma relação pormenorizada do cardeal Ciappi, aos 30 de abril de 1978, mandou que fosse preparado o decreto sobre as virtudes heróicas do servo de Deus. Nesta ocasião, o sumo pontífice declarou: *“Consta que o servo de Deus, José Marello, bispo de Acqui, Fundador da Congregação dos Oblatos de São José de Asti, exercitou as virtudes teológicas da fé, esperança e caridade, em relação a Deus e ao próximo, assim como as demais virtudes cardeais da prudência, justiça, temperança, fortaleza e outras virtudes anexas, em grau heróico”*.

A Igreja, mestra e guarda fiel da verdade, no estudo das causas de beatificação e canonização, tem o cuidado de que tudo seja cuidadosamente ponderado e reconhecido como verídico, quer no aspecto moral, jurídico ou científico. Ela estabelece sempre um procedimento preciso, severo e longo, ao qual todas as causas seguintes devem inexoravelmente submeter-se. A Igreja não declara uma pessoa santa depressa, isto é, sem ponderação ou com superficialidade. Por isso, a causa de Marelló teve de seguir este mesmo caminho já traçado. Começou, como vimos, junto à Cúria de Asti, diocese onde ele nasceu; contemporaneamente um análogo processo, chamado “*Super Introductione Causae*” veio desenvolver-se em Acqui, diocese onde ele fora bispo. Estes dois processos, em seguida, foram enviados para Roma à Sagrada Congregação, onde foram examinados por peritos, que os acharam válidos e portanto foi autorizada a diocese de Acqui, a montar um segundo processo chamado “*Apostólico*”. Só no ano de 1968, a Sagrada Congregação exigiu algumas elucidações no referido processo, que seriam dadas depois mediante estudos sérios e através de muitas pesquisas. Em seguida, o material da causa, com todas as propostas e com todas as objeções apresentadas, foi novamente entregue à Sagrada Congregação num volume chamado “*Summarium*”, em abril de 1975. A Sagrada Congregação, com isso, emitiu o seguinte juízo: “*Todos os escritos examinados atestam um contínuo exercício de santas virtudes, de grande amor para com Deus e de caridade profunda para com o próximo, de zelo pela saúde das almas, de obras misericordiosas para com os pobres e para com os aflitos, e todo este tesouro escondido sob o manto de uma humildade muito profunda. Sua pastoral testemunha a alta doutrina e consumada santidade, como também a inteira solicitude para a saúde de seu rebanho. Em suas cartas e em seus escritos diversos, resplandecem a sincera e profunda pie-*

dade, a modéstia edificante sob todo aspecto, a mansidão, a prudência nas ocupações mais delicadas, a docilidade e a paciência no tratamento com todo tipo de pessoa, a devoção e a obediência ao sumo pontífice. Em uma palavra, discorrendo em suas páginas, revive-se o piedoso seminarista, o sacerdote modelo, o apóstolo generoso, o bom pastor, o glorificador da Virgem Maria e do patriarca São José”.

Diante de todo este profuso e sólido testemunho, José Marelo, **aos 12 de junho de 1978, foi declarado Venerável pelo Papa Paulo VI.** Hoje é a Igreja oficial que reconhece nele um seu filho exemplar. Não se trata mais só de um juízo do povo, de uma opinião privada, mas sim de toda a hierarquia da Igreja que se pronuncia.

ALGUMAS DATAS MAIS SUGESTIVAS DE SUA VIDA

Aos 26 de dezembro de 1844 nasce em Turim. Seu pai chamava-se Vicente Marelló; morreu em 1873. Sua mãe, Ana Maria Viale, morreu no ano de 1848, aos vinte e quatro anos de idade. Seu único irmão, Vitório, nasceu em 1847 e foi prefeito de São Martino Alfieri por quarenta anos.

Em 1852 deixa Turim e se muda para São Martinho, para morar com seus avós.

Em 1856 entra no seminário diocesano de Asti, onde faz o curso ginásial.

Em 1863 acontece sua crise vocacional; conseqüentemente abandona o seminário e volta para Turim, onde começa o curso de contabilidade.

Em dezembro de 1863 adoece gravemente de febre tifóide, faz o voto à Maria de voltar ao seminário e é misteriosa e rapidamente curado. Em fevereiro, depois de um ano, é recebido de volta alegremente pelos superiores e colegas do seminário de Acqui.

Aos 19 de setembro de 1868 tornou-se sacerdote e é imediatamente eleito secretário de Dom Carlos Savio, bispo de Asti, e, ao mesmo tempo, seu confessor. Por treze anos trabalha na

diocese, empenhando-se profundamente na catequese dos jovens, na difusão da boa imprensa, na direção espiritual dos seminaristas e das irmãs.

Em 1869 participa do Concílio Vaticano I, juntamente com seu bispo.

Em 1872 surge o projeto da “*Companhia de São José*” para promover “*os interesses de Jesus*” sob a proteção de São José. Um ano depois, quer unir-se mais inteiramente a Deus, e exprime o propósito de entrar na trapa; seu bispo o convida a refletir bastante e a rezar para que Deus manifeste a sua vontade.

Aos **14 de março de 1878** recolhe, num pequeno quarto da “*opera Pia Michelerio de Asti*”, os primeiros quatro membros da Congregação. Os Oblatos, no início, deveriam ser “*irmãos*”, sem votos, vivendo em silenciosa operosidade e em absoluta pobreza, trabalhando em casa, nas paróquias e dando catecismo aos jovens. Com o ingresso de João Cortona, porém, em 1883, Marelló decide que os “*irmãos*” se dediquem também aos estudos sacerdotais.

Em 1883, com a autorização da Santa Sé, Marelló adquire a casa de Santa Clara, que antes era mosteiro das Clarissas, e que, desde 1866, estava nas mãos do governo italiano. A princípio, Santa Clara, foi destinada como asilo para doentes crônicos; depois tornou-se um pequeno colégio para vocações pobres. Em 1884, se estabelecem lá os Oblatos, e, no ano seguinte, também Marelló passa a morar nesta mesma casa.

Em 1888, com quarenta e quatro anos, foi nomeado bispo por Leão XIII, no ano seguinte, aos 17 de fevereiro, foi consa-

grado em Roma pelo cardeal La Valletta. No mesmo ano, aos 16 de junho entra na diocese de Acqui; seu brasão episcopal, desenhado por ele mesmo, representa um mar agitado, sobre o qual brilha uma estrela com o monograma de Maria — MA — e com as palavras “*Iter para tutum*”.

Os seis escassos anos de seu episcopado são caracterizados por uma intensa atividade pastoral, dirigindo sua diocese com firmeza e bondade ao mesmo tempo.

Em 1891, participa das celebrações do terceiro centenário da morte de São Luis Gonzaga, e nesta ocasião o Papa Leão XIII o define diante dos peregrinos de Acqui, “*uma pérola de bispo*”.

Apesar da atividade pastoral, Dom Marelló continua a seguir, com amor, os seus Oblatos, estando em contínua comunicação, quer pessoalmente, quer por correspondência com o Pe. João Cortona.

Aos **30 de maio de 1895** morre em Savona, quando participava do terceiro centenário da morte de São Filipe Neri. Seu corpo vem transportado para Acqui onde, aos 4 de junho, celebram-se os seus funerais.

Em junho de 1923, seus restos mortais são trasladados do cemitério de Acqui para Asti, na casa de Santa Clara.

Em 1921, começa o processo pela causa de sua beatificação.

Em 1975, mediante um grosso e denso volume chamado “*Summarium*”, a Sagrada Congregação emite um juízo positivo

sobre toda a caminhada espiritual de Dom José Marelllo.

Aos 12 de junho de 1978 o papa Paulo VI decreta a heroicidade de suas virtudes, e o servo de Deus, José Marelllo, é declarado “*Venerável*”.

Aos 26 de setembro de 1993, o Papa João Paulo II, declara em uma esplendorosa celebração em Asti, como “*Bem-aventurado*”.

Fórmula da Beatificação:

Nós, acolhendo o desejo do nosso irmão Severino Poletto, Bispo de Asti, de muitos outros irmãos no Episcopado, de toda a família religiosa dos Oblatos de São José e de muitos fiéis, depois de ter recebido o parecer favorável da Congregação das Causas dos Santos, com a nossa Autoridade Apostólica inscrevemos no elenco dos Bem-aventurados o Venerável Servo de Deus José Marelllo, Bispos de Acqui e Fundador dos Oblatos de São José, e damos a faculdade que se possa celebrar a sua **feira todos os anos em 30 de maio** nos lugares e segundo as normas estabelecidas pelo Direito.

Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

Todos: Amém.

BIBLIOGRAFIA

1. CERTOSINI E APOSTOLI. Scuola tipografica S. Giuseppe, Asti, 1950- 1982.
2. CORTONA, G. Battista. Brevie memorie dei Ia vita di Mons. Giuseppe Marelo. Scuola tipografica S. Giuseppe, Asti, 1920.
3. JOSEPH. Scuola tipografica S. Giuseppe, Asti, 1952- 1983.
4. PASETTI, Mario. Lettere dei venerabile Giuseppe Marelo. Tipografia S. Giuseppe, Asti, 1979.
5. RAINERO, Angelo. Ammaestramenti spirituali dei Servo di Dio S. E. Mons. Giuseppe Marelo. Madonna dei poveri, Milano, 1964.
6. RAINERO, Angelo. Pensamentos e Máximas de Dom José Marelo. Valentin, Apucarana, 1963.
7. SISTO, Giovanni. Io sottoscritto povero peccatore. Manietti, Torino, 1979.

NOSSOS CENTROS VOCACIONAIS

Se você estiver interessado em conhecer a Congregação dos Oblatos de São José, visite-os ou escreva para os endereços abaixo:

CONGREGAÇÃO DOS OBLATOS DE SÃO JOSÉ PROVÍNCIA NOSSA SENHORA DO ROCIO

Rua João Bettega, 796 - Bairro do Portão

CEP 81070-000 - Curitiba Pr

Caixa Postal 8882 CEP 80611-970 - Curitiba Pr

Fone 0xx41-229-1181 Fax 0xx41- 229 1017

Email: osj.provincia@avalon.sul.com.br

CENTRO VOCACIONAL E CENTRO JUVENIL JOSEFINO

Rua Arthur Bernardes, s/n°

C. Postal 624 CEP 86800 970 APUCARANA PR

Fone / Fax 0xx 43 - 423 7588

SEMINÁRIO MAIOR DOM JOSÉ MARELLO

Rua Francisco Derosso, 1016 Xaxim

CEP 81710 000 Curitiba Pr

Caixa Postal 21057 (Xaxim) CEP 81720 990 Curitiba Pr

Fone 0xx41- 275 1516 Fax 0xx41- 275 4330

Email - marellosj@uol.com.br

SEMINÁRIO TEOLÓGICO PE. PEDRO MAGNONE

Rua Marechal Pimentel, 24 Sacomã

CEP 04248-100 São Paulo SP

Fone 0xx 11 - 274 8646

Email: magnone@uol.com.br.

SEMINÁRIO JOSEFINO N. SENHORA DE GUADALUPE

Rua Amazonas, 1119 Caixa Postal 221

CEP 19900 000 OURINHOS SP Fone e Fax 0xx 14 - 322 50 70

SEMINÁRIO PE. JOSÉ CANALE

Rua Darcírio Egger, 568 - Shangri-lá

CEP 86070 060 LONDRINA PR

Fone 0xx 43 327 0123

NOVICIADO DOS OBLATOS DE SÃO JOSÉ

SEMINÁRIO PE. JOSÉ CALVI

Rua Jequetibá, 903 Recanto Tropical

CEP 85817 600 CASCAVEL PR

Fone e Fax 0xx 45 226 4151

Email: nosjose@unimidia.com.br

SEMINÁRIO PE. MÁRIO TÉSIO

Ruas das Hortênsias, s/ n° CAIXA POSTAL, 36

CEP 85485 000 Três Barras do Paraná – PR

Fone e Fax 0xx 45 235 1471

RAMO FEMININO

PIA ASSOCIAÇÃO DAS IRMÃS OBLATAS DE SÃO JOSÉ

COMUNIDADE OBLATAS DE SÃO JOSÉ

Rua José Paiva Cavalcante, 750 Vila Izabel

86031 600 Londrina - Pr

Fone 0xx 43 339 0876

**ORAÇÃO PELA
CANONIZAÇÃO DO BEM-AVENTURADO
JOSÉ MARELLO**

- Nosso doce pai São José, vós que sobre a terra escondestes no silêncio a admirável Santidade de vossa vida, impetrai-nos a exaltação e a glorificação do vosso servo Bem-aventurado José Marelo, que pôs todo o empenho no imitar-vos ocultamente debaixo da sobra de aparências comuns um tesouro de grandes virtudes.

- Grande Patriarca São José, merecidamente chamado Alívio dos Miseráveis, obti-nos, vo-lo pedimos a exaltação e a glorificação do vosso servo Bem-aventurado José Marelo que dedicou aos infelizes e desamparados os afetos mais vivos e as delicadezas mais tenras de seu coração compassivo.

- Felicíssimo São José, que fostes escolhido pelo Pai Eterno para serdes o pai putativo de Nosso Senhor Jesus Cristo, obti-nos, vo-lo suplicamos, a exaltação e a glorificação do vosso servo Bem-aventurado José Marelo, que com a palavra, com o exemplo e com a Congregação por ele fundada zelou-lhe a honra e a glória.

(1 Pai-nosso e Ave-Maria).

ORAÇÃO

(para pedir uma graça)

Senhor, que prometestes elevar os humildes ,e exaltar aqueles que vos seguiram no caminho do evangelho, pelos méritos de São José, esposo de Maria e Pai virginal de vosso Filho, concede-nos a graça que vos pedimos.....a fim de que o Bem-aventurado José Marelo, que, dedicou-se aqui na tenra aos infelizes e desamparados possa ser glorificado na Igreja. Amém.

Roga-se a quem receber alguma graça notificá-la ao Provincial dos Oblatos de São José.

PROVÍNCIA NOSSA SENHORA DO ROCIO

Rua João Bettega, 796 - Bairro do Portão

CEP 81070-000 - CURITIBA PR

Caixa Postal 8882 CEP 80611-970 - Curitiba Pr

Fone 0xx41-229-1181 Fax 0xx41- 229 1017

Email: osj.provincia@avalon.sul.com.br